

HENRI BERGSON, PIETRO UBALDI E A EXPERIÊNCIA MÍSTICA DO AMOR DE DEUS

HENRI BERGSON, PIETRO UBALDI AND THE MYSTICAL EXPERIENCE OF GOD'S LOVE

ALEXSANDRO MELO MEDEIROS (*)



(*) **Alexsandro Melo Medeiros**

Graduado (licenciatura e bacharelado) em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas, atuando principalmente nas áreas de filosofia, educação e tecnologia (com ênfase no uso das tecnologias digitais aplicadas à educação) e filosofia da religião.

E-mail: alexsandromedeiros@ufam.edu.br

Resumo: Para o filósofo francês, Henri Bergson, a experiência mística é uma experiência intensificada pela presença do élan vital que, em última instância, é definido como sendo “o próprio amor de Deus, se não for Deus mesmo”. Em sua teoria evolucionista, Bergson postula o conceito de élan vital, bastante discutido na obra *A Evolução Criadora* e retomado na obra *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. O misticismo é uma experiência em que o ser humano sente profundamente o élan da vida: uma energia que coincide com o Amor que emana do próprio Deus. De modo semelhante, o filósofo italiano Pietro Ubaldi, que também é evolucionista, considera a *Ascese Mística* (título de uma das obras de Ubaldi) como um caminho que nos conduz a Deus e nos faz perceber intimamente a Sua presença pois, conforme afirma o autor: “Deus está no fundo do coração humano, como pressentimento de todas as ascensões”. Desta forma, o objetivo deste artigo consiste em estabelecer uma análise comparativa entre os dois filósofos analisando o fenômeno místico como uma experiência direta do amor de Deus. Como metodologia adotamos a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Misticismo; Deus; Amor.

Abstract: For the french philosopher, Henri Bergson, the mystical experience is na experience intensified by the presence of the élan vital that, ultimately, is defined as being “the love of God, if it is not God himself”. In his evolutionary theory, Bergson postulates the concept of élan vital, widely discussed in the work *Creative Evolution* and taken up again in the work *The Two Sources of Morality and Religion*. Mysticism is an experience in which the human being deeply feels the elan of life: an energy that coincides with the love that emanates from God himself. Similarly, the italian philosopher, Pietro Ubaldi, who is also an evolutionist, considers *Mystical Asceticism* (the title of one of Ubaldi's works) as a path that leads us to God and makes us intimately perceive His presence because, as stated by the author: “God is in the depths of the human heart, as a presentiment of all ascents”. Thus, the aim of this article is to establish a comparative analysis between the two philosophers, analyzing the mystical phenomenon as a direct experience of God's love. As a methodology, we adopted the bibliographic research.

Keywords: Mysticism; God; Love.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

O fenômeno místico tem sido observado nas mais diferentes culturas, nas mais diferentes religiões e em diferentes épocas: “Todos os místicos, de qualquer gênero, tempo ou espaço, são pessoas apaixonadas por Deus” (BINGEMER, 2020, p. 93). Esse fenômeno pode ser entendido, de forma geral, como uma experiência de união¹ do indivíduo com alguma força que ele considera divina e sagrada e que, de modo geral, revela algo sobre a existência e a natureza divina.

A palavra *mística* começou a ser usada nesse sentido [de comunicação] nas obras de Dionísio, o Aeropagita, pertencentes à segunda metade do séc. V e inspiradas no neoplatônico Proclo [...] insiste-se também numa relação originária, íntima e pessoal entre o homem e Deus em virtude da qual o homem pode retornar a Deus e unir-se finalmente a ele num ato supremo. Este é o *êxtase*, que Dionísio considera a *deificação* do homem (ABBAGNANO, 2007, p. 671-672 – grifos do autor).

Ao longo dos séculos, o ser humano sempre colocou para si questões sobre Deus: sua existência, seus atributos e sua natureza. Para muitos a existência de Deus não é um dado que possa ser comprovado pela via da razão e, assim como os dogmas religiosos, só pode ser considerado sob a perspectiva da fé religiosa. Para outros é possível, através da razão, não apenas deliberar sobre a natureza da divindade como até mesmo provar a sua existência, como é o caso de teólogos e filósofos como Santo Anselmo, São Tomás de Aquino e René Descartes, por exemplo.

Longe de pretender dar uma resposta para cada uma destas questões, o que se pretende demonstrar neste artigo é que existe ainda uma outra via que nos permite abordar não apenas a questão da existência de Deus, mas também algo de sua própria natureza: essa via é a da experiência mística, segundo a qual Deus é uma força superior percebida como uma energia amorosa e criadora. Uma “experiência radical do amor de Deus” (BINGEMER, 2020, p. 91)².

¹ Bingemer (2020, p. 92) fala de “união com o mistério divino”. Abbagnano (2007, p. 671) fala em *comunicação*: “comunicação direta entre o homem e Deus”.

² Ainda de acordo com Bingemer (2020, p. 95), Deus é o ser que “não pode não amar”.

E para tratar desta questão iremos recorrer ao pensamento de dois eminentes pensadores do século XX: Henri Bergson e Pietro Ubaldi. O primeiro é um filósofo de origem judia, nascido na França. O segundo, um filósofo italiano espiritualista e cristão. Embora tenham vivido no século XX os dois autores não chegaram a se conhecer, mas a forma como cada um aborda a experiência mística como uma experiência amorosa da existência de Deus os colocam como dois dos mais destacados pensadores do fenômeno místico no século XX. Para estabelecer esta análise comparativa entre os dois autores, iremos considerar a seguinte abordagem: vamos tecer algumas breves considerações sobre cada autor, tomando como base a ideia comum em ambos, do fenômeno evolutivo e de como o fenômeno místico deve ser analisado como uma extensão desse processo; e finalmente, demonstrar a visão comum que encontramos em ambos de que o misticismo é uma experiência direta do amor divino.

Como procedimento metodológico este artigo segue a pesquisa bibliográfica, tomando como base principalmente as obras de Bergson: *A Evolução Criadora e As Duas Fontes da Moral e da Religião* que, como veremos ao longo do artigo, estão estreitamente relacionadas para os propósitos da discussão que será aqui apresentada. Já no que se refere a obra de Ubaldi temos, sobretudo: *A Grande Síntese* (sua primeira grande obra) e *Ascese Mística*.

1. EVOLUÇÃO CRIADORA E ÉLAN VITAL

O filósofo francês Henri Bergson faz parte de uma corrente de pensadores como Ravaisson (1813-1900), Lachelier (1832-1880), Boutroux (1845-1921), além das teorias de Taine (1828-1895) e Spencer (1820-1903) que se baseiam nas ideias evolucionistas, como ressalta Faria (2009, p. 41): “Para esses filósofos, a evolução é fundamento último da teoria da realidade”. E acrescenta: “Em sua busca pelo rigor para a filosofia, Bergson se torna adepto desses pensadores, mas não concordando com o determinismo implícito a essas filosofias, e sua convicta adesão à ideia de liberdade logo rejeita esse extremo” (FARIA, 2009, p. 41).

A história da evolução da vida, inicia Bergson (2005, p. IX) na introdução da obra *A Evolução Criadora*, “já nos deixa entrever como a inteligência se constituiu por um progresso ininterrupto ao longo de uma linha que, através da série dos vertebrados, se eleva até o homem”. A vida em sociedade é o resultado desse processo evolutivo: “a sociedade é encarada por Bergson como algo natural, proveniente da evolução da vida” (BONADIO, 2013, p. 85). E o homem é um ser vivo que, por evolução, seguiu na direção da vida social.

Em sua teoria evolucionista, o filósofo francês postula que em determinado momento da evolução surgiu uma corrente vital que, através dos organismos desenvolvidos, vai passando de um germe a outro. Essa corrente vital procura vencer os obstáculos que a matéria lhe opõe e divide-se em várias direções. Assim, surgiu, em primeiro lugar, a grande divisão do reino vegetal e do reino animal: as plantas acumulam diretamente a energia, para que os animais possam hauri-la nelas. Em seguida essa corrente vital que Bergson chama de *élan vital* subdivide-se no mundo animal tendo como características principais duas tendências evolutivas que se distinguem em instinto e inteligência: “inteligência e instinto estavam amalgamados na origem e se dividiram em linhas divergentes, intensificando-se cada uma dessas tendências, no homem e no animal” (ZUNINO, 2013, p. 168).

A linha da inteligência tem o ápice de seu desenvolvimento com o surgimento do humano e a formação das sociedades que continuam a impulsionar o movimento de criação do *élan*, enquanto a linha instintual encontra-se mais plenamente desenvolvida nas formas animais socializadas como as abelhas e as formigas. [...] [ambos] constituem tendências que se desenvolveram a partir de uma única fonte, o impulso originário da evolução criadora da vida (BONADIO, 2013, p. 88).

Esta análise é corroborada por Deleuze (1999, p. 75) quando afirma que “a vida divide-se em plantas e animais; o animal divide-se em instinto e inteligência; um instinto, por sua vez, divide-se em várias direções, que se atualizam em espécies diversas; a própria inteligência tem seus modos ou suas atualizações particulares”³.

³ Aqui iremos nos limitar a expor apenas em breves linhas gerais esse processo evolutivo que, naturalmente, é bem mais complexo, como afirma Bergson (2005, p. XIII): “a linha da evolução que desemboca no homem não é a única. Em outras vias, divergentes, desenvolveram-se outras formas de consciência, que

Referindo-se de modo mais específico ao élan vital, Abbagnano (2007, p. 308) pondera que este passa de uma geração de germes para outra geração e conserva-se “nas linhas evolutivas entre as quais se divide e é a causa profunda das variações, pelo menos daquelas que se transmitem regularmente, que se adicionam e que criam espécies novas”.

O conceito de *élan vital*, bastante discutido na obra *A Evolução Criadora* (de 1908) é retomado na obra *As Duas Fontes da Moral e da Religião* (de 1932). Nesse sentido as duas obras se interligam pois, como afirma Faria (2009, p. 40): “Pressupomos a hipótese de que ambos os livros, *A evolução criadora* e *As duas fontes...*, podem ser lidos como uma continuidade, como dois momentos em que as ideias se complementam e se interpenetram...”. Corroborando com essa ideia, Bonadio (2013, p. 85) pondera que: “n’ *A evolução criadora* Bergson pensou o desenvolvimento do impulso original da vida em termos metafísicos, em sua obra seguinte, *As duas fontes da moral e da religião*, ele se dedica a investigar a ação desse impulso vital nas criações humanas”. E é esse impulso original da vida, esse fluxo de energia criadora, que é a origem da experiência mística: “a experiência mística constitui, portanto, a verdade final do processo evolutivo: é na alma do místico que, finalmente, o ser é restituído à sua integral aparência.” (PRADO JÚNIOR, 1989, p. 261). O misticismo, como veremos em detalhes mais adiante ao relacionar as ideias de Bergson e Ubaldi, resulta de um retorno na direção donde procede o *élan vital*, e nasce da pressentida captação do inacessível a que a vida aspira. Mas antes de estabelecermos a análise comparativa a que nos propomos, consideremos agora as ideias do filósofo italiano Pietro Ubaldi.

não souberam libertar-se das amarras exteriores nem reconquistar-se a si mesmas como fez a inteligência humana, mas que não deixam de exprimir, elas também, algo de imanente e de essencial ao movimento evolutivo. Aproximando-as umas das outras, fazendo-as funcionar em seguida com a inteligência, acaso não obteríamos, desta vez, uma consciência co-extensiva à vida e capaz de, voltando-se bruscamente contra o impulso vital que sente atrás de si, obter uma visão integral, ainda que sem dúvida evanescente? Dirão que nem assim ultrapassamos nossa inteligência, uma vez que é ainda com nossa inteligência, através de nossa inteligência, que olhamos as outras formas da consciência. E teriam razão em dizê-lo caso fôssemos puras inteligências, caso não houvesse sobrado, em volta de nosso pensamento conceitual e lógico, uma nebulosidade vaga, feita da substância mesma às expensas da qual se formou o núcleo luminoso que chamamos de inteligência. Aí residem certas potências complementares ao entendimento, potências de que temos apenas um sentimento confuso quando permanecemos encerrados em nós, mas que se iluminarão e se distinguirão quando se perceberem elas próprias em obra, por assim dizer, na evolução da natureza”.

2. EVOLUÇÃO E EXPANSÃO DE CONSCIÊNCIA

A obra de Pietro Ubaldi nos oferece um sistema científico-filosófico-teológico que toma como princípio fundante a existência de Deus, do espírito, e a ideia de que este mesmo espírito evolui através de vidas sucessivas cujo principal propósito é aperfeiçoar-se sempre mais e melhor. A evolução⁴ é um princípio fundamental do universo e o *ser* está continuamente em marcha desde a fase matéria até o espírito. Por lei natural de evolução, o universo passa da fase matéria, para a fase energia e para a fase espírito, que converge para o ponto ômega: Deus⁵. Assim se expressa o escritor italiano e contemporâneo de Ubaldi, Giuseppe Vigiano (*apud* UBALDI, 2012, p. 332):

[...] essa evolução é palingênese, é libertação [...] o progresso da espécie orgânica não é retilíneo, como o viu Darwin, mas é alternado, por contínuos retornos involutivos. Lei cíclica, portanto, que se repete no campo da consciência individual e coletiva, que regula o desenvolvimento e o progresso das civilizações [...] a evolução; corresponde ao princípio de expansão e de contração dos ciclos evolutivos, é uma condição da lei de equilíbrio e consequência do princípio de indestrutibilidade e transformismo da Substância.

A evolução, como dissemos, é um dos eixos fundamentais da obra de Pietro Ubaldi, sendo um processo que vai do mais simples ao mais complexo e abrange todos os aspectos da criação universal.

A *Grande Síntese* é a primeira grande obra de Ubaldi e nela aparece em detalhes a teoria da evolução⁶. Para Ubaldi (1993, p. 36-37), o espírito humano:

[...] por evolução, ascende da atual fase de consciência para a fase de superconsciência, que é a primeira dimensão do sucessivo universo trifásico, em que evolui o atual, trino em seus planos de desenvolvimento: matéria, energia, espírito. Certamente, o ingresso da psique humana nesta nova dimensão do ser, aqui já absolutamente supermaterial ou supersensória, é para ela um fato tão novo e grandioso, que a simples apresentação no

⁴ O conceito de evolução aparece em diferentes obras de Ubaldi, entretanto, considerando que aqui só poderemos fazer uma rápida exposição, indicamos algumas obras ao leitor, além daquelas que estão sendo tratadas diretamente neste estudo: *Fragments de Pensamento e de Paixão*: segunda parte; *O Sistema*: primeira parte; *Queda e Salvação*: capítulos 1, 8, 10, 11, 14.

⁵ De acordo com José Amaral (biógrafo de Pietro Ubaldi): a evolução do homem passa “pelos diferentes reinos: mineral, vegetal e animal, chegando à condição de seres angélicos e se reintegrando ao seio de Deus” (*apud* UBALDI, 2012, p. 174).

⁶ Ver por exemplo o capítulo 9 e seguintes, onde aparece a chamada *grande equação da substância* que representa o aspecto evolutivo: matéria → energia → espírito (UBALDI, 2017).

limiar da nova dimensão e do novíssimo modo de ser basta para dar-lhe profunda sensação de vertigem, como sucede a quem se debruça sobre o abismo do mistério.

Detenhamo-nos na fase humana da evolução. O psiquismo passa por gradações sucessivas de desenvolvimento através das formas vegetais e animais até atingir o estágio evolutivo humano. “Esse psiquismo crescente, que rege todas as formas de vida, é um dos espetáculos mais maravilhosos apresentados por vosso universo [...] *Evolução biológica é, para nós, evolução psíquica*” (UBALDI, 2017, p. 295 – grifo do autor). O processo evolutivo “faz avançar a matéria, transubstanciando-a espiritualmente, santificando-a, assim, até que no homem e mais acima dele, conquiste cada vez mais consciência, e assim o alfa se reúna ao ômega, a criação volte ao criador” (UBALDI, 1995, p. 73).

O homem, através de uma ascensão milenar, vai despertando formas mais sutis de sensibilidade e de consciência mais perfeita. A evolução é um processo de aprofundamento ou dilatação da nossa consciência rumo a uma superconsciência:

dilatação superespacial para o interior, que pode comunicar-nos também a sensação de uma expansão para fora de nós. Mas, não há sensações comunicantes que permitam estabelecer termos de comparação com as novas dimensões. As fulgurações de consciência, que estão na inspiração, na revelação, no êxtase, são bem fulgurações de Divindade. Ouvir-lhe-emos o eco imenso, auscultando a voz do espírito; ver-lhe-emos os lampejos olhando na profundidade de nós mesmos (UBALDI, 1993, p. 65).

Ao analisar a mentalidade psíquica humana, Ubaldi destaca diferentes níveis de *forma mental* e amadurecimento evolutivo que vai: desde uma *forma mental* de obediência mecânica aos impulsos primitivos, até uma *forma mental* mais evoluída, onde surge a intuição que permite perceber a verdade por visão imediata e cuja ação não é mais uma atividade baseada nem nos instintos do subconsciente animal, nem nas normas éticas exteriores e formais da razão, mas iluminada pelo conhecimento da Lei divina que alcançou por intuição, por visão imediata. Mas essa forma mental mais avançada de consciência intuitiva é apenas mais um degrau na escala evolutiva. A próxima etapa é aquela que mais nos interessa: a consciência místico-unitária, e sobre a qual iremos nos debruçar em uma análise comparativa com a obra de Henri Bergson.

3. BERGSON, UBALDI E A EXPERIÊNCIA MÍSTICA DO AMOR DE DEUS

Para o filósofo francês Henri Berson, o misticismo é uma experiência em que o ser humano sente profundamente o *élan* da vida. É um transbordamento da energia criadora, uma tomada de contato com o impulso criador que manifesta e cria a vida. O misticismo é definido na sua relação com o *élan vital*. “Os místicos seriam misteriosamente insuflados pelo mesmo *élan* cujo desenvolvimento resulta no interminável espetáculo da evolução” (ROCHAMONTE, 2011, p. 128). Ou, como afirma Gouhier (1961, p. 194): “O *élan* místico é uma intensificação do *élan vital*”.

Rochamonte (2016, p. 107) ressalta como “a consideração da experiência mística em *As duas fontes* acrescenta à consideração dos dados biológicos em *Evolução criadora* [...] a definição da energia criadora como amor”. Bergson (1978, p. 212) afirma o primado do amor: “Foram chamados à existência seres que estavam destinados a amar e ser amados. A energia criadora deve definir-se pelo amor”. Inicialmente temos o *élan vital*, presente em todas as formas de vida, vegetal e animal. Por evolução, a experiência do *élan vital* vai se intensificando até que, no homem, passa a ser percebida como amor e, em última análise, o amor divino.

Demos uma certa ênfase ao aspecto evolutivo pois, como podemos perceber, o fenômeno místico está de alguma forma relacionada com o do fenômeno da evolução e isso tanto na obra do filósofo francês quando na de Ubaldi pois, como afirma Silva (2015, p. 44) analisando a obra do filósofo italiano: “O místico é consequência de uma lenta elaboração, um produto de evolução biológica”.

Ascender ou evoluir espiritualmente, para Ubaldi (1993, p. 65), representa “um processo de penetração do eu consciente em seus cada vez mais íntimos e profundos estratos, que são planos de consciência sempre mais elevados”. Quanto mais mergulhamos na profundidade do *eu*, libertamo-nos do invólucro denso da matéria e realizamos um movimento centrípeto de retorno para Deus.

Mas para atingir essa convergência e essa unificação, os seres passam por uma série de estágios sucessivos e evolutivos, desde aquilo que Ubaldi chama de plano de consciência sensoria até o plano de consciência místico-unitária. Para o filósofo italiano “a evolução é um processo de progressiva unificação e o último termo desta unificação é

Deus. Deus é o ponto para o qual tendem todos os seres. Para Ele tudo converge e Nele tudo se unifica” (UBALDI, 1993, p. 64). Os homens procuram provar a existência de Deus no plano racional mas nesse plano não podem senão encontrá-lo a partir de uma perspectiva analítica. No plano intuitivo, Deus aparece na mente, mas ainda como conceito e, por isso, permanece como uma visão exterior. É no plano místico, no entanto, que Deus “aparece na consciência como sensação total interior, una com o eu e a síntese da verdade se transforma em amor (união com Deus)” (UBALDI, 1993, p. 140).

A evolução é um processo de expansão de consciência (até atingir uma superconsciência), onde encontraremos o êxtase místico como resultado desse processo de dilatação da consciência na qual o ser sente-se na presença do amor divino e com ele se unifica. Por introspecção, mergulhamos em profundidade em nossas *zonas interiores*⁷, dilatando a nossa consciência para um estado de superconsciência e avançamos para Deus.

O processo se inicia no plano de consciência sensória, como dissemos: “É o primeiro nível humano do bruto, apenas emerso da besta, ainda animal e vegetativo” (UBALDI, 1993, p. 53). Em seguida temos o plano racional-analítico: “É a fase atual da ciência, da observação, do relativo, da hipótese, da razão e da análise” (UBALDI, 1993, p. 53). Um passo mais adiante e temos um plano de consciência supranormal e excepcional para a média humana atual que é o plano intuitivo sintético: é a fase inspirativa, da síntese, ao qual se chega por meio da intuição. Neste plano “Contemplam-se os fenômenos por vias interiores, pesquisa-se e atinge-se a verdade por introspecção, no íntimo, onde realmente está” (UBALDI, 1993, p. 53). Finalmente temos o plano místico-unitário:

Se, até agora, temos tratado de fria ascensão intelectual, que não tem outra meta e saciedade além da compreensão, vamos ver que neste novo plano de consciência mística a ascensão é integral. A sintonização com as superiores zonas de evolução não é só conceptual, mas, ao contrário, investe todas as qualidades da personalidade. Coração, sentimentos e paixões despertam e o ser já não ascende só por intelecto, mas por amor. [...] neste plano, desperta-se o êxtase místico em que canta uma voz nova, na qual vibra o amor, que é uma dilatação de consciência, tão vasta, que, como descreverei, sente-se humanamente perdido o ser, mas divinamente ressurrecto (UBALDI, 1993, p. 53-54).

⁷ Refiro-me as zonas inconscientes: subconsciente e superconsciente.

A ascese mística/evolução espiritual é um caminho que nos conduz a Deus. É uma mais alta espiritualização do nosso *eu* mais profundo. Uma dilatação mais profunda da nossa consciência que então se expande para o interior onde iremos ao encontro com Deus, pois, para Ubaldi (1993, p. 65): “Deus está no fundo do coração humano, como pressentimento de todas as ascensões, insuprimível como o instinto fundamental da vida”.

Ora, algo semelhante se passa na alma do místico, se levarmos em consideração as ideias do filósofo francês, quando este destaca o que acontece na interioridade da nossa alma tomada em seu êxtase. Em sua interioridade, “nas profundezas obscuras da alma”, o místico se liga de alguma forma ao princípio criador e exprime esse contato como sendo uma experiência de amor que eleva sua alma à Deus. “Eis o ponto específico da ação mística: trata-se de uma identificação da alma do místico para com o Criador da vida, no qual o místico se reconhece amante e amado ao mesmo tempo” (ZENI, 2014, p. 97-98). E nas palavras do próprio filósofo francês:

A nosso ver, o advento do misticismo é uma tomada de contato, e por conseguinte uma coincidência parcial, com o esforço criador que a vida manifesta. Esse esforço é de Deus, se não for Deus mesmo. O grande místico seria uma individualidade que ultrapasse os limites impostos à espécie por sua materialidade, individualidade que continuasse e prolongasse assim a ação divina (BERGSON, 1978, p. 182).

Essa experiência interna nos faz sentir o amor de Deus que irradia para todos. O amor é percebido como uma força, uma energia, que irradia para toda a criação. A “força de amar a humanidade” vem desse contato com o princípio gerador da espécie humana (*elã vital*) em que a alma sente-se “em coincidência com o próprio princípio da vida” (BERGSON, 1978, p. 45).

Vimos, na obra de Ubaldi, a ideia de que, por evolução, passamos por diferentes planos de consciência: consciência sensória, racional analítica, intuitiva sintética, mística unitária. Todos estes planos de consciência fazem parte da nossa personalidade e o místico é aquele que mergulha profundamente na sua própria interioridade, vai ao encontro de sua realidade mais profunda onde chega também ao encontro com Deus, com a força amorosa e criadora da vida. Eis porque todos os místicos, de todos tempos, sempre falaram dessa experiência como uma experiência profundamente amorosa e arrebatadora.

Já a teoria bergsoniana a respeito da experiência mística ressalta como esta consiste em uma tomada de contato com a energia criadora da vida, da qual há pelo menos duas consequências as quais devemos considerar: a de que essa energia criadora é percebida como um sentimento de Amor: “o élan vital é a energia que impulsiona todos os seres na aventura cósmica da evolução criadora. Este impulso vital é definido por Bergson, em última instância, [...] como sendo o Amor” (TREVISAN, 2003, p. 66); e de que esse Amor emana do próprio Deus, “se não for Deus mesmo”.

Um amor que unifica, uma “vibração expansiva do verdadeiro altruísmo evangélico, a vibração da expansão mística” (UBALDI, 1993, p. 66), sendo assim “a estrada mestra para chegar a Deus” (UBALDI, 1993, p. 66).

CONCLUSÃO

O filósofo francês Henri Bergson é um pensador adepto da teoria evolucionista mas de um evolucionismo de bases espiritualistas. A teoria evolucionista bergsoniana não se restringe ao fenômeno material. Além da matéria existe uma corrente vital, que ele chamou de *élan vital*, de onde se origina o impulso originário da evolução criadora da vida que culmina na inteligência e na espécie humana. Da mesma forma, a obra do filósofo italiano Pietro Ubaldi é igualmente evolucionista: a vida evolui do mais simples ao mais complexo e alcança seu estágio mais elaborado na forma humana. Mas a evolução não é apenas um processo biológico e sim, igualmente espiritual: por evolução, passamos pelos diferentes reinos (mineral, vegetal, animal), até chegar à condição de seres angélicos.

Como parte deste processo de ascensão, quanto mais evoluímos, mais nos aproximamos da nossa realidade espiritual e é neste ponto que podemos vivenciar a experiência relatada como um êxtase místico que é também uma experiência amorosa de união com Deus, o que nos permite aproximar a obra de Ubaldi com as ideias de Bergson.

Para Bergson, o fluxo de energia criadora que é o *élan vital* (ideia já esboçada em *A Evolução Criadora*) está na base da experiência mística (*As Duas Fontes da Moral e da Religião*). O misticismo nasce da pressentida captação do *élan vital* que é o impulso original da vida. O misticismo é uma experiência em que o ser humano sente

profundamente o *elán vital* e essa energia criadora é percebida como um sentimento de Amor; e esse Amor emana do próprio Deus. Ideia que nós encontramos igualmente em Ubaldi, apenas com a ressalva de que o filósofo italiano não usa a expressão “*élan vital*”. Para Ubaldi, o misticismo coloca nossa alma em um estado de vibração expansiva que é o caminho que nos conduz ao verdadeiro altruísmo evangélico e a Deus.

Eis porque, como místico, Ubaldi afirma que não se pode chegar a Deus por argumentações e nem por pura multiplicação de atributos humanos (sumo bem, perfeição absoluta, onipresença etc.), pois Deus está acima de todo raciocínio. “Deus não se demonstra: sente-se [...] Quem, com efeito, se avizinha verdadeiramente de Deus experimenta uma sensação de imenso esmorecimento. Só então se olha verdadeiramente para o Alto” (UBALDI, 1993, p. 64). Também para Bergson, a experiência dos místicos permite-nos defender a afirmação da existência de Deus, que não se pode provar puramente com argumentos lógicos e ensina que Deus é amor, e nada impede que os filósofos desenvolvam a ideia de o mundo não ser mais do que um aspecto palpável deste amor e da necessidade divina de amor. O que o místico experimenta é uma centelha do fogo divino do amor e do próprio Deus.

Vamos encerrar este artigo com uma das *experiências* narradas por Ubaldi onde o filósofo relata algumas de suas vivências místicas. A obra *Ascese Mística* está dividida em duas partes: *o fenômeno* e *a experiência*. Na primeira, Ubaldi analisa de forma mais analítica e conceitual o fenômeno místico. Na segunda, ele procura compartilhar algumas de suas vivências com uma linguagem que, como veremos, é tão cheia de profusão que nos permite pensar em Ubaldi não apenas como um filósofo do espírito, mas como uma alma que se deixou ser consumida pelo *fogo* da paixão do Cristo. Esta experiência da qual registramos apenas alguns trechos abaixo é intitulada: *Ascese da Alma*.

[...] A história do homem continua a ser escrita no grande livro da vida e inicia uma nova página: a página do amor. Uma nova síntese floresce do trabalho dos milênios, uma nova clarinada, emergindo da profundidade dos tempos, chama à colheita, no curso das civilizações instáveis e inquietas, a vida se desloca de seu eixo e muda o centro das atrações humanas. Os egoísmos se abrem, as consciências se dilatam, o irmanamento começa, a voz de Cristo ressoa de coração em coração num canto único que se funde e se eleva, respondendo à glória dos céus. O mundo inicia uma poderosa marcha para a realização do Reino de Deus, que não é dádiva gratuita à inércia humana, mas laboriosa conquista feita sob a inspiração de Cristo; a ascensão não é o cômodo desfrutar de méritos divinos, mas fusão humana em Sua paixão.

Caminha, caminha. Inicia-se o grande movimento. Cristo vai à frente, diante de todos, com o exemplo de Sua dor e de Seu amor, da cruz e da paixão uma luz que avança deixando atrás de si um rasto de esplendor. Por esta estrada luminosa o mundo caminha e segue. Cristo é um Sol esplendente que atrai a si as chamazinhas das almas humanas. Dele se desprende uma radiação de amor sob a qual revivem, se levantam, se acendem novas centelhas. É como o começo de um incêndio. E as pequenas chamas engrossam, sobem, sobem, até tocar o céu e unificam-se no esplendor do grande Sol central onde, reabsorvidas, se perdem (UBALDI, 1993, p. 160-161).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola (2007). *Dicionário de Filosofia*. Tradução coordenada e revista por Alfredo Bosi, 5. ed. São Paulo: Martins Fontes.

BERGSON, Henri (2005). *A Evolução Criadora*. Coleção Tópicos. Tradução Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes.

BERGSON, Henri (1978). *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

BINGEMER, Maria Clara (2020). “Mística na Contemporaneidade: Impactos sobre a Antropologia e a Teologia” in *Mística e Ascese: Da Tradição Platônica à Contemporaneidade*, by M. R. Pinheiro, M. C. Bingemer and M. Cappelli (orgs.). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Petrópolis: Vozes.

BONADIO, Gilberto B. (2013). “Moral: Vida e Emoção”. *Kínesis*, (5)10: 84-100, dez., 2013. Disponível em <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/kinesis/article/view/4534>, acesso em 20 mar. 2022.

DELEUZE, Gilles (1999). *O Bergsonismo*. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 14.

FARIA, Marco Antônio B (2009). *Vida e Criação: A Religião em Bergson*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), UFJF, Juiz de Fora.

GOUHIER, Henri (1961). *Bergson et le Christ des Evangiles*. Paris: Arthème Fayard.

PRADO JÚNIOR, Bento (1989). *Presença e Campo Transcendental*. São Paulo: EDUSP.

ROCHAMONTE, Catarina (2011). “Élan Vital e Experiência Mística: A Intuição Bergsoniana entre Filosofia e Espiritualidade”. *Anais do VII Seminário de Pós-*

Graduação em Filosofia da UFSCar. Disponível em www.ufscar.br/~semppgfil/wp-content/uploads/2012/05/catarinarochamonte.pdf, acesso em 15 mar. 2022.

ROCHAMONTE, Catarina (2016). “Henri Bergson: Mística e Método”. *Paralellus*, Recife, (7)14, p. 99-115, jan./abr., 2016. Disponível em <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/download/629/807>, acesso em 15 mar. 2022.

SILVA, Manuel Emygdio da (2015). *O Gênio de Ubaldi e a Evolução da Humanidade* (Colóquios e Correspondências). Brasília: Ontolettas.

TREVISAN, Murilo Rubens (2003). “O Valor Filosófico do Misticismo. São João da Cruz: Aproximações Bergsonianas”. *Síntese – Revista de Filosofia*, (30)96: 65-83. Disponível em <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/508>, acesso em 27 mar. 2022.

UBALDI, Pietro (2012). *Grandes Mensagens*. Obras completas de Pietro Ubaldi, v. 1. Tradução de Clóvis Tavares. Campos dos Goytacazes: Instituto Pietro Ubaldi.

UBALDI, Pietro (2017). *A Grande Síntese: Síntese e Solução dos Problemas da Ciência e do Espírito*. Obras completas de Pietro Ubaldi, v. 2. Tradução de Carlos Torres Pastorino e Paulo Vieira da Silva, 24 ed. Campos dos Goytacazes: Instituto Pietro Ubaldi.

UBALDI, Pietro (1993). *Ascese Mística*. Obras completas de Pietro Ubaldi, v. 4. Tradução de Rubens C. Romanelli, Clóvis Tavares e Jerônimo Monteiro, 5 ed. Rio de Janeiro: Fraternidade Francisco de Assis.

UBALDI, Pietro (1995). *A Descida dos Ideais*. Obras completas de Pietro Ubaldi, v. 21. Tradução de Manuel Emygdio da Silva, 3. ed. Campos dos Goytacazes: Fraternidade Francisco de Assis.

ZENI, Tiago (2014). *Mística e Ação em Bergson: A Experiência Mística como Fonte de Ação Transformadora da Humanidade*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte.

ZUNINO, Pablo Enrique A (2013). “O Filósofo e o Místico: Da Sociedade Fechada à Ruptura Moral”. *Atualidade Teológica*, Ano XVII, n. 43: 157-170, jan./abr., 2013. Disponível em <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.22669>, acesso em 27 mar. 2022.